

UM CONTO DE NATAL DE
PAULO RAVIERE



QUEBRA FACÃO

DARKSIDE





C O N T O S

D E N A T A L

D A R K

DARKSIDE

UM CONTO DE NATAL DE
PAULO RAVIERE

QUEBRA FACÃO

“Morre muito menas gente
Se a guerra for de facão.”

— Wilson Aragão, “Guerra de Facão” —

I

O orvalho ainda não havia nem começado a brilhar quando Joaldo saiu de seu cafofo para preparar o café preto. Fazia muito frio de manhã cedo, e quem chegasse ali nas tardes escaldantes não faria ideia que a temperatura pudesse baixar tanto ao longo da noite. Apesar disso, Joaldo sempre preparava seu café no quintal. Naquela manhã usava uma blusa de lã xadrez, da cor do vinho, e comia um pão duro com manteiga de garrafa enquanto olhava para o céu.

Depois do desjejum, ajeitava suas ferramentas de trabalho. Era lenhador. Todos os dias, mesmo que não precisasse, ele amolava o machado e o facão em uma pedra de limar. Trabalhava nas caatingas, e como nem

todo mundo precisava de lenha, vivia fazendo bicos. Além de aquela ser época de baixa estação, o ano anterior havia sido de pouca chuva. Os fazendeiros não haviam investido muito nem nas plantações, nem com os animais. Joaldo, entretanto, não esmorecia, continuava a cortar lenha todos os dias, e a levá-la pra ver quem precisava na vila.

— Mas, Joaldo, tu é um menino bom. Por que não vem trabalhar comigo aqui na venda? — disse um homem rechonchudo, enquanto passava um pano branco num balcão empoeirado.

— Cabeça vazia é a oficina do diabo, seu Milton. Eu ia ficar molenga se trabalhasse na sombra o dia todo.

O estabelecimento funcionava como bar, padaria e mercearia, de modo que sempre havia muito o que fazer, são coisas que todos precisavam. O trabalho, porém, era dividido. Em certas horas do dia, os funcionários apenas observavam o vento carregar a poeira lá fora; noutras, não davam conta de atender a multidão.

— Mas você num tá ganhando nada sozinho lá no mato. Nunca vi ninguém comprando lenha, e você aí, trabalhando de graça. Devia ficar mais na vila, conhecer uma moça. Vai querer uma branquinha?

Seu Milton já havia servido a pinga antes de receber a resposta. Joaldo a virou de um gole, enquanto assistia o fraco movimento da vila, exatamente como os funcionários de Milton faziam quando ele não estava presente.

— Se bem que este ano tá ruim, hein, Joaldo? A vila tá parecendo um cemitério. — Milton espantava as moscas com os braços; o pano em seu ombro direito. — Mais uma?

— Agora não. Deixa a primeira esfriar na barriga.

Entrava uma senhora não menos rechonchuda, usando vestido de renda e esfregando as mãos.

— O movimento anda fraco, né, seu Milton? — foi logo dizendo, pousando uma sacola no tamborete próximo à entrada.

— Bem fraco... Tempo ruim — respondeu ele, e começou a espantar as moscas, dessa vez com o pano. — Do que a senhora precisa?

— Me dá uma lata de óleo, por favor. Pago no final do mês — disse ela, antes de se virar para Joaldo. — Você vai estar ocupado amanhã de manhã? Eu preciso de alguém pra me ajudar com a horta.

— Eu passo lá, dona Dora.

— Brigada, Joaldo, você é um menino bom. Depois me lembra de te dar uma vasilha do doce de leite que eu fiz hoje. — Ela pegou sua sacola e deu um discreto aceno de despedida.

Seu Milton pegou o copo de Joaldo e pôs em uma pia, sem gastar água em cima. Depois passou o pano sobre o balcão mais uma vez, apesar da limpeza não se fazer necessária. Ao mesmo tempo, entrou um velho magricela, enlameado, com um enorme chapéu de palha. Resmungava. A própria voz denunciava a falta de aptidão para a higiene.

— Aquele fi duma quenga! — falou, lascando um tapaço no balcão.
— Milton, desce uma branquinha aí.

— O que foi, Alexandre? Que raiva é essa? — Milton falava com calma frente a natural falta de modos daquele homem.

— O fi de quenga desse pescador que apareceu aí. O tempo já não anda bom, e desse jeito... — Indicou que queria outra antes mesmo de virar a cachaça que tinha em mãos.

— Tão falando que onde ele passa ele acaba com os peixes — disse Milton.

— Um caba dessa qualidade é um criminoso, um salafrário. Um sujeito desses devia era ser preso. — Alexandre apenas beberica a nova dose. — Não perdoa nada, pega tudo. Qualquer peixinho pequeno ele pega... Não sobra uma piaba.

— Daonde é esse caba safado?

— Acho que de lá do Largo dos Preá.

Joaldo se virou, tentando disfarçar seu interesse evidente. Milton percebeu e o introduziu na conversa, dando um tapinha amigável no ombro do lenhador.

— Ah, Joaldo aqui também é de lá, né não, Joaldo?

— E é, é? — interrogou Alexandre, com curiosidade.

Joaldo lançou um olhar desconfiado ao outro cliente, mas respondeu com naturalidade.

— Papai que era.

— E tu conhece esse sujeito? — perguntou Alexandre, com certo desprezo na entonação.

— Sei quem é, mas esse caba né de lá não. Só ficou lá por uns tempos. A irmã dele que era de lá, acho. — Então se virou para Milton. — O senhor já pode me dar a outra, por favor.

— Esfriou a barriga, né? — proferiu, gargalhando.

— Ainda bem — continuou Alexandre. — Já pensou se eu tivesse chamando de safado um parente seu?

— Parente ou não, se o caba é safado, eu não defendo. — Joaldo virou a bebida e tentou disfarçar a careta. — O papo tá bom, mas eu vou indo, que ainda tenho muita lenha pra tirar hoje.

— Joaldo, se encontrar quebra-facão, tem como tirar uns galhos pra mim?

— Tiro sim, seu Milton. Sei onde tem.

Apertou a mão dos dois e lhes deu as costas. Quando já ia saindo do estabelecimento, deu meia-volta.

— Sim, seu Milton, depois eu pago a bebida.

Milton ficou desconcertado.

— Precisa não, menino. Tu já não me ajuda tanto?

Joaldo fingiu que não ouviu.

— Quando arrumar o dinheiro eu pago o senhor.

E saiu pela rua vazia. Milton tornou a limpar o balcão com o pano branco, apenas para não ficar sem fazer nada. Alexandre virou o que sobrava da segunda branquinha e emendou a terceira. Milton pôs o pano em seu ombro e aproveitou para servir uma para si mesmo.

— Joaldo é menino bom — afirmou, brindando com Alexandre —, mas é muito bestinha. Imagina, num tempo desses, trabalhando de graça pros outros!

II

As plantas molhadas da manhã agora já ressecavam, enquanto Joaldo preparava a sua marmita de carne seca, feijão e arroz. Ele encheu uma cabaça com a água barrenta que era acostumado a beber, pegou suas ferramentas, e adentrou a caatinga pela segunda vez. Foi abrindo o caminho no mato, enquanto procurava o quebra-facão de seu Milton.

Avistou uma cachopa de abelha.

Mel! Amanhã de tarde eu venho tirar; acho que dona Dora vai querer.

Penetrou a vegetação espessa, esquivando-se de mandacaru, xique-xique, umburana, jurema, caroá, facheiro, e de um ofensivo pé de cansanção, mas quebra-facão nenhum. Até por conta de seu ofício, Joaldo era profundo conhecedor das plantas caatingueiras: sabia o que podia cortar, o que podia comer, e quais as plantas cujo mero toque o machucaria. Caminhou até encontrar respiro debaixo de um umbuzeiro um tanto seco. Achou também uns galhos de quebra-facão cortados que alguém havia largado por lá. Como não tinha mais trabalho a fazer, sentou-se e experimentou da marmita. Antes de beber no cantil deu uma limpada com a camisa, quando uma lacraia subiu de repente em sua mão.

Ele balançou o braço com força. O inseto caiu no chão e fugiu, se safando do cabo do machado que ele lançara com velocidade.

— Excomungada!

Na volta, segurando o feixe de quebra-facão com o sovaco, e mais uma pequena tora de umburana presa nas costas junto com a vasilha da marmita, parou na beira do riacho. Duas crianças brincavam ao longe, enquanto o pescador jogava uns camarões na água.

— Pegando muito peixe?

— Tou sim — respondeu o pescador, entusiasmado. — Esse rio é pequeno, mas tem muito tucunaré. — Então encaixou um camarão em um anzol e o lançou na água.

O homem não tinha o dedão do pé direito, e vacilava para se sustentar firme, uma vez que não usava muletas.

— Como é esse negócio de pescar com camarão? — Joaldo falou baixinho, para não atrapalhar a pescaria. O homem deu pequenos solavancos na vara.

— É só jogar a isca que os peixes vêm. Tucunaré é tudo besta. Pode até mexer na água que eles nam liga. O problema é só o camarão, que é caro, nam tem por aqui, aí tenho que buscar lá na cidade. Mas pelo menos tem. Vale a pena.

A vara deu uma envergada suave, porém repentina, e ele a puxou de vez. Um peixe mediano, amarelado, com manchas pretas, triangulares, se debatia com a boca enganchada no anzol. O pescador teve um pouco de trabalho para tirá-lo, antes de prender outro camarão.

— Posso tentar? — pediu Joaldo, esticando a mão que estava livre, enquanto o pescador colocava o peixe na capanga.

— Tenta aí — disse o pescador.

Ele mesmo auxiliou o rapaz. Joaldo jogou um camarão na água e pegou um tucunarezinho bem rápido, mesmo tendo usado apenas um braço.

— Agora tem uma coisa — ressaltou o pescador. — Esse tucunaré aí que tu pegou é meu, porque a isca e o anzol foi eu que te dei.

— Tá certo, eu só queria ver como era.

Ele ficou observando o homem, que pescou vários tucunarés em sequência. Cada um menor e mais magro que o outro, mas que juntos davam uma engordada em sua capanga.

— O senhor já teve ali pelas bandas do Largo dos Preás, nóé? — Joaldo perguntou como quem não queria nada.

— Fiquei uns tempos lá naquelas bandas sim. Minha mãe é de lá, e depois que ela morreu minha irmã acabou morando na casa. Nasci na época que o povo começou a sair de lá. Tinha vinte e poucos anos, na última vez que fui lá fazer uma visita.

Então Joaldo se aproximou dele.

— Meu povo é de lá também. Tá lembrado de mim?

E se aproximou mais. O pescador estava tão concentrado em sua atividade que não se deu conta. Virou-se para ele por um segundo, e depois voltou os olhos para o riacho.

— Hum... Ó, nam vou mentir. Nam lembro nam. — Olhou para ele mais uma vez. — Sua cara me lembra de alguém, mas eu nam sei dizer.

— É que já tem muito tempo. De lá pra cá eu cresci.

— É? Eu nam sei... Tu é fi de quem?

Nesse momento, Joaldo tira o facão da bainha e aponta para ele. A vara de pescar começa a tremer com violência, não por causa de sua mão. Um peixe grande de verdade tentava estilhaçar o espelho aquoso que o escondia das vistas humanas.

— Ai meu Deus!

Ele olha com atenção para a face de Joaldo.

— Me perdoa! — Como se sentisse o seu desespero, o peixe se agita cada vez mais. — Ou era ele ou era eu! Tenha piedade!

Joaldo encosta o facão na garganta do pescador e grita, babando, com olhos lacrimejantes.

— Agora tu lembra de minha cara, né, seu excomungado!?

E golpeia o pescador com violência entre o ombro e o pescoço. O facão se engancha no corpo agonizante e é preciso uma série de movimentos bruscos para desprendê-lo. O sangue que esguicha do ferimento encharca o feixe de quebra-facão debaixo do sôco de Joaldo. O pescador dá dois passos em direção ao tucunaré que estava ferrado, e os outros peixinhos enlouquecem quando o cadáver desaba na água rasa. Os tucunarés pequeninos aproveitam a oportunidade para escapar da capanga e retornar ao seu elemento vital. Joaldo ainda segura o feixe de quebra-facão ensanguentado, quando sai correndo pra longe do rio. Ao parar pra respirar, percebe por perto os dois meninos que, com os olhos arregalados, não conseguiam nem se mover.

PAULO RAVIERE é escritor, tradutor e editor. Nasceu em Irecê-BA em 1986. Graduou-se em Língua Estrangeira - Inglês pela UFBA (2009), onde também fez o mestrado em Literatura e Cultura, na linha de Tradução (2013). Atualmente pesquisa e traduz a obra de Charles Lamb em doutorado na FFLCH-USP. Colaborou com o Blog do IMS e as revistas Pesquisa FAPESP, Barril, Canarana, Serrote e Piauí. É editor da DarkSide® Books, pela qual também publicou diversas traduções e seu primeiro livro, o romance *Todos se Lavam no Sangue do Sol*.

